



## Pistaceira: Estado da Comercialização

**FRUTOS SECOS: DA PRODUÇÃO À COMERCIALIZAÇÃO**



**EDITOR CNCFS**

**Mariana Regato**

Coordenador científico

# MANUAL TÉCNICO

## PISTACEIRA: ESTADO DA COMERCIALIZAÇÃO

Maio 2017

EDITOR CNCFS

**Projeto “Portugal Nuts” Norte-02-0853-FEDER-000004**

**Centro Nacional de Competência dos Frutos Secos**

**FICHA TÉCNICA**

**Título:** Pistaceira: Estado da Comercialização

**Coordenador Científico:** Mariana Regato

**Capa:** CNCFS

**Tiragem:**

**Impressão:**

**ISBN:** 978-989-99878-4-5

## AUTORES

Mariana REGATO  
Instituto Politécnico de Beja  
Escola Superior Agrária de Beja  
Rua Pedro Soares, apartado 6155  
7800-295 Beja

Idália GUERREIRO  
Instituto Politécnico de Beja  
Escola Superior Agrária de Beja  
Rua Pedro Soares, apartado 6155  
7800-295 Beja

José REGATO  
Instituto Politécnico de Beja  
Escola Superior Agrária de Beja  
Rua Pedro Soares, apartado 6155  
7800-295 Beja

Maria Margarida PEREIRA  
Instituto Politécnico de Beja  
Escola Superior Agrária de Beja  
Rua Pedro Soares, apartado 6155  
7800-295 Beja

## **Índice**

|   |           |
|---|-----------|
| <b>1. Introdução.....</b>   | <b>1</b>  |
| <b>2. A cultura do pistácio no mundo. ....</b>                                  | <b>2</b>  |
| <b>2.1. Produção mundial e principais países produtores. ....</b>               | <b>3</b>  |
| <b>2.2. Produção da UE e principais países produtores.....</b>                  | <b>11</b> |
| 2.3. Principais países consumidores. ....                                       | 11        |
| 2.4. Importação versus exportação. ....   | 13        |
| <b>3. A cultura do pistácio em Portugal- algumas pistas para o futuro.</b>      |           |
| .....   | <b>17</b> |
| 3.1. Produção. ....   | 18        |
| 3.2. Principais regiões produtoras.....   | 18        |
| 3.3. A organização da produção, circuitos de comercialização,<br>mercados. .... | 19        |
| 3.4. Novos mercados. ....   | 21        |
| <b>4. Referências Bibliográficas .....</b>                                      | <b>25</b> |

## **Índice de Quadros**

|  |           |
|--|-----------|
| <b>Quadro 1</b> – Evolução da área dedicada à cultura (ha).....                          | <b>6</b>  |
| <b>Quadro 2</b> – Evolução da produção mundial de pistácios entre 1970 e 2012 (t). ..... | <b>8</b>  |
| <b>Quadro 3</b> – Consumo doméstico (t) de pistácios no ano de 2009. ....                | <b>12</b> |
| <b>Quadro 4</b> – Importações entre 1999 e 2009 (t). .....                               | <b>14</b> |
| <b>Quadro 5</b> – Exportações entre 1999 e 2010 (t).....                                 | <b>15</b> |

## **Índice de Figuras**

**Figura 1** – Embalagem de pistácios provenientes do Irão. .... **16**

## 1. Introdução

Ao longo dos últimos 30 anos o pistácio tornou-se um dos aperitivos mais consumidos em todo o Mundo e ganhou uma posição de algum relevo entre os diferentes frutos secos habitualmente consumidos.

Para além das características organoléticas destes frutos o seu consumo foi, particularmente, estimulado com base no conhecimento das vantagens para a saúde humana do consumo de frutos secos, nomeadamente no que se refere:

- à sua composição em ácidos gordos essenciais para a dieta humana pelo seu aspeto benéfico para a saúde cardiovascular;

- à fibra que maioritariamente é insolúvel e que:

- ajuda na regulação do trânsito intestinal, conduzindo a uma melhoria da proteção contra o cancro do colon; e

- reduz o risco de desenvolvimento da diabetes;

- à composição em aminoácidos essenciais, que não podem ser sintetizados pelo organismo humano;

- ao conteúdo num elevado número de compostos como sejam vitaminas, tocoferóis, folatos, fitoesteróis, minerais e antioxidantes (López *et al.*, 2013).

Nos últimos anos os frutos secos e, em particular os pistácios, passaram a ser consumidos em maior quantidade pela

população em geral e em particular pelos mais informados que, constantemente, procuram formas de melhorar as suas condições de saúde. Destaca-se que, por exemplo, nos anos noventa, a California Pistachio Commission, que assentou as suas campanhas publicitárias nas vantagens para a saúde derivadas do consumo destes frutos, conseguindo elevar, substancialmente, os consumos *per capita* nos Estados Unidos da América.

## **2. A cultura do pistácio no mundo**

Apesar da bibliografia existente sobre a cultura do pistácio (*Pistacea vera* L.) não ser muito abundante, é possível ter uma ideia relativamente precisa sobre o que se passa no Mundo relativamente a esta cultura, pois existem alguns trabalhos publicados nomeadamente:

- pela Universidade da Califórnia região agrícola americana onde a cultura se desenvolveu a partir da década de 60, tendo-se obtido a primeira colheita apreciável no ano de 1976, no qual se produziram cerca de 700 t de pistácios numa área produtiva de menos de 1500 hectares; e

- mais recentemente de Espanha, onde a cultura começou a ter algum desenvolvimento em 1996 e onde já ocupa cerca de 5000 hectares, 4000 dos quais se localizam na zona de Castilha – La Mancha.

Com base nestas informações é possível retirar algumas elações sobre os diferentes temas em torno da cultura do pistácio, apesar da mesma não ter ainda qualquer expressão entre nós.

Como base da informação e, em particular, por ter sido redigida para aplicação na vizinha Espanha, cita-se a obra “El Cultivo del Pistacho” editado pela Fundação Vicente Ferrer, em 2013, que constitui um guia ímpar para esta cultura elaborado com base em toda a informação recolhida ao longo dos anos pelos técnicos do Centro de Mejora Agraria El Chaparrillo que acompanharam os ensaios de adaptação de cultivares à região de Castilha - La Mancha e se dedicam a esta cultura há longos anos.

## **2.1. Produção mundial e principais países produtores**

Nos últimos anos verificou-se o crescimento do interesse na produção de pistácios, face ao aumento do preço no mercado mundial sofrido por todos os frutos secos: amêndoa, noz, avelã, pistácios, etc. Estes aumentos de preço, aliados ao facto destas culturas poderem ter colheita mecanizada e um efeito benéfico para a saúde, conduziram ao despertar para a oportunidade de desenvolvê-las em áreas em que, tradicionalmente, não tinham grande expressão.

Também a cultura do pistácio sofreu os efeitos da euforia da produção de frutos secos.

Os principais países produtores de pistácios são o Irão, os Estados Unidos, nomeadamente na Califórnia, a Síria, a Turquia, a China, a Grécia e a Itália.

No caso do pistácio, o aumento de preço verificado foi acentuado pela proibição intermitente da importação de produtos provenientes do Irão. Quando as relações comerciais do Irão com os Estados Unidos e a Europa se normalizarem, estimam alguns autores que o preço poderá reduzir-se em cerca de 40%, ficando os consumidores a ganhar. É, contudo, considerado, dada a falta de condições verificadas no Irão que permitam assegurar, ao abrigo das regras básicas da Segurança Alimentar, que os pistácios iranianos não se encontram contaminados com aflatoxinas, que este país terá muitas dificuldades em garantir as vendas para a Europa e para os Estados Unidos, razão pela qual a redução do preço, dado o aumento da oferta, decorrerá de forma gradual.

Com a expansão da cultivar Kerman, de elevada qualidade comercial, a produção de pistácios aumentou de forma sustentável nos últimos anos nos Estados Unidos e em Espanha. Paralelamente continua a prever-se um aumento do consumo destes frutos, face a uma crescente aceitação dos mesmos por parte dos consumidores dos Estados Unidos, da União Europeia e da América do Sul.

No caso de Espanha, as áreas dedicadas a esta cultura foram implantadas mais recentemente o que, associado ao facto de se

tratar de uma cultura com uma entrada em produção relativamente lenta, é determinante na importância económica ainda limitada, que esta atividade apresenta. No entanto, neste país considera-se que o pistácio pode ser uma cultura alternativa, com potencial para áreas áridas e semiáridas, para as quais outras culturas alternativas de sequeiro sejam escassas (López *et al.*, 2013). Saliencia-se que esta visão, citada em diversa bibliografia, traduz a possibilidade de conduzir a cultura em sequeiro, o que significará:

- níveis de produtividade relativamente baixos; e
- longos períodos improdutivos até ao início da produção.

Nos quadros seguintes é apresentada a evolução das áreas dedicadas a esta cultura, à produção obtida e às importações entre 1970 e 2011, de acordo com a informação recolhida por López *et al.* (2013).

Como se verifica, o país onde a cultura do pistácio ocupa áreas mais expressivas é o Irão. Depois deste país são os Estados Unidos, a Turquia e a Síria, os países onde a cultura do pistácio sofreu maior incremento no período considerado. Nos países do sul da Europa (Grécia, Itália e Espanha), a cultura tem despertado algum interesse mas as áreas, efetivamente, plantadas são ainda relativamente reduzidas respetivamente 5000, 3500 e 3500 hectares em 2010 (quadro 1).

**Quadro 1** – Evolução da área dedicada à cultura (ha).

| Ano  | Irão   | EUA   | Turquia | Síria | Grécia | Itália | Tunísia | Afeganistão | Espanha |
|------|--------|-------|---------|-------|--------|--------|---------|-------------|---------|
| 1970 | 35000  | SD    | 15620   | 6650  | SD     | SD     | 1500    | SD          | 0       |
| 1980 | 112000 | 14074 | 23070   | 18721 | SD     | SD     | 4400    | 4500        | 0       |
| 1990 | 154270 | 26235 | 29120   | 14900 | 3840   | 3672   | 27700   | 2700        | 200     |
| 2000 | 274730 | 38991 | 36350   | 18500 | 5500   | 3600   | 21670   | 3000        | 1500    |
| 2005 | 440000 | 55404 | 40000   | 22000 | 5000   | 3630   | 19560   | 3210        | 2000    |
| 2010 | 380000 | 85146 | 52000   | 38000 | 5000   | 3500   | 4500    | 2500        | 3500    |
| 2011 | 300000 | 93000 | 55000   | 40000 | SD     | SD     | SD      | SD          | 4200    |

Fonte: López *et al.* (2013)

Nestes três países o único em que se verificou crescimento das áreas ocupadas por esta cultura entre os anos 2000 e 2010 foi em Espanha situação talvez motivada pelo facto de ser este o país onde as áreas, ocupadas pela cultura no ano 2000, fossem mais reduzidas.

Relativamente à produção mundial, destaca-se a produção do Irão que, durante muitos anos, foi o maior produtor mundial. Este país já foi ultrapassado pelos Estados Unidos que, desde 2009, são os maiores produtores mundiais deste produto.

Salienta-se que, apesar da área plantada com pistaceiras nos Estados Unidos ser muito inferior à que é ocupada por esta cultura no Irão, as quantidades produzidas naquele país são bastante superiores, devendo-se esta diferença à obtenção de produtividades mais elevadas (acima de 2000 kg/ha comparativamente com cerca de 500 kg/ha) (quadro 2).

Estas diferenças de produtividade correspondem a diferentes modelos de produção, baseados na aplicação de tecnologias e de métodos produtivos totalmente distintos. Assim, de uma cultura basicamente conduzida em sequeiro, em extensivo e com a aplicação de reduzidas, ou mesmo nulas, quantidades de fatores de produção – fertilizantes, produtos fitofarmacêuticos, etc. – como sucede no Irão, passa-se para uma cultura regada, fertilizada e protegida sanitariamente, como acontece nos Estados Unidos. São duas realidades opostas da mesma cultura que se traduzem em resultados produtivos totalmente distintos.

Quando se comparam as produções obtidas em anos consecutivos (quadro 2) constata-se uma acentuada variabilidade das produções de ano para a ano, o que está relacionado, para além das variações intrínsecas de áreas em produção, com a acentuada alternância de produtividades derivada das características comportamentais das cultivares utilizadas. Tal situação é claramente visível quando se observam os dados da produção obtida nos anos de 2009 a 2012.

**Quadro 2** – Evolução da produção mundial de pistácios entre 1970 e 2012 (t).

| Ano  | Irão   | EUA    | Turquia | Síria | Grécia | Itália | Espanha |
|------|--------|--------|---------|-------|--------|--------|---------|
| 1970 | 16800  | -      | 14200   | 4000  | SD     | SD     | 0       |
| 1980 | 23000  | 12338  | 7500    | 7800  | SD     | SD     | 0       |
| 1990 | 162800 | 54387  | 14000   | 13000 | SD     | SD     | 0       |
| 2001 | 249000 | 72712  | 30000   | 37430 | SD     | SD     | 0       |
| 2005 | 229600 | 128097 | 60000   | 45000 | SD     | SD     | 50      |
| 2009 | 100000 | 160800 | 40000   | 70000 | 3100   | 2500   | 200     |
| 2010 | 216000 | 230000 | 110000  | 65000 | 2500   | 3000   | 250     |
| 2011 | 160000 | 203000 | 50000   | 65000 | 3100   | 3150   | 300     |
| 2012 | 200000 | 280000 | 125000  | 70000 | 3200   | 2100   | 500     |

Fonte: López *et al.* (2013)

O aumento verificado nos últimos anos dos preços de comercialização do pistácio, que acompanhou a evolução do preço da generalidade dos frutos secos, e a capacidade de adaptação destas plantas a algumas condições ecológicas menos favoráveis, aumentaram o interesse de alguns agricultores e empresas sobre esta cultura, quer em Espanha quer em Portugal.

Em Espanha, o pistácio ocupa as áreas que foram apresentadas no quadro 1 e tem as produções apresentadas no quadro 2, encontrando-se numa fase de afirmação junto dos produtores espanhóis, mas ganhando crescente interesse face aos resultados económicos já obtidos. Em Portugal, as áreas ocupadas com a cultura são ainda muito reduzidas, não surgindo esta atividade agrícola nas estatísticas, nem existindo estruturas industriais e comerciais para a sua transformação, pois a produção é exígua.

Salienta-se que a pistaceira apesar de poder estar adaptada a alguns condicionalismos edafoclimáticos existentes na orla mediterrânica, é uma das fruteiras menos exploradas por diversas causas, de entre as quais se destacam, segundo diversos autores:

- grande duração do período juvenil das plantações:
- entram em produção com níveis produtivos relativamente reduzidos, normalmente, cinco anos após a plantação; e

- atingem a plena produção 10 a 12 anos após a sua plantação;

- elevado custo das plantas, derivado das dificuldades de propagação inerentes à espécie;

- falta de informação sobre as cultivares a utilizar e sobre a sua adaptação às condições climáticas existentes; e

- necessidade de empregar tecnologias de produção avançadas e equipamentos adequados, nomeadamente a nível da condução da rega e da colheita.

Segundo alguns autores como Klonsky e Blank (2005), os pomares de pistácios são, entre os diferentes pomares plantados na Califórnia, aqueles que levam mais tempo a entrar em produção, só apresentando uma produção comercializável ao quinto ou sexto ano após a plantação, mesmo que o esforço de gestão seja apreciável e só ultrapassam os custos anuais de manutenção a partir do sétimo ano.

Uma outra questão que deve ser retida, e que frequentemente é esquecida, é que a produtividade dos pistácios sofre, normalmente, alternância (anos “on” e anos “off”), pelo que os níveis de produtividade atingidos sofrem variações acentuadas de ano para ano.

## **2.2. Produção da UE e principais países produtores**

Como se referiu anteriormente, os principais países produtores de pistácios são os Estados Unidos, o Irão e depois, a Síria, a Turquia, a Grécia e a Itália.

Os países europeus com alguma expressão na produção de pistácios são a Grécia e a Itália e, em menor escala, a Espanha.

A produção europeia de pistácios totalizou, segundo os elementos referidos no quadro 2, entre as 5750 t, em 2010, e 6550 t em 2011, quantidades estas que se encontram muitíssimo afastadas das quantidades consumidas, conforme será referido no ponto seguinte.

## **2.3. Principais países consumidores**

A nível dos principais países consumidores, e de acordo com fontes do United States Department of Agriculture (USDA), apresenta-se o quadro seguinte onde se encontram registados os consumos verificados no ano de 2009.

Constata-se, pois, que a Europa apresenta um elevado consumo de pistácios situação que a torna dependente da importação deste produto, principalmente proveniente dos Estados Unidos.

**Quadro 3** – Consumo doméstico (t) de pistácios no ano de 2009.

| EU -27 | Turquia | China | Síria | Estados Unidos | Irão  | Arábia Saudita | Egipto | Rússia | India |
|--------|---------|-------|-------|----------------|-------|----------------|--------|--------|-------|
| 90500  | 67000   | 60000 | 58284 | 35000          | 30000 | 18000          | 15000  | 15000  | 8500  |

Fonte: USDA *cit in* López *et al.* (2013)

## **2.4. Importação versus exportação**

As importações a nível mundial são dominadas pela China e pela Alemanha, consoante se constata no quadro seguinte.

A China é o maior importador mundial. A Alemanha é o país europeu que importa maiores quantidades de pistácio, seguida da Espanha e de França, bem como pelos países do Médio Oriente. No caso dos Estados Unidos, o seu abastecimento realiza-se com base no pistácio produzido na Califórnia.

Já as exportações registadas no mesmo período são apresentadas no quadro seguinte.

Com base na análise do quadro 5, constata-se que os principais exportadores e abastecedores do mercado mundial são os Estados Unidos, o Irão e a Síria, com as seguintes quantidades exportadas em 2010, 111000, 110000 e 22000 t, respetivamente.

Comparando os valores registados em 2010 e em 1999, que se encontram separados apenas por 11 anos, constata-se que as exportações dos Estados Unidos passaram de 17500 t para 111000 t, quase 7 vezes mais o que atesta o esforço realizado por este país para aumentar as áreas dedicadas a esta atividade e a sua produção.

Relativamente às exportações efetuadas pelo Irão, constata-se que elas se mantiveram praticamente constantes ao longo do período considerado.

**Quadro 4** – Importações entre 1999 e 2009 (t).

| Ano  | China  | Alemanha | Bélgica | Rússia | Holanda | Espanha | França |
|------|--------|----------|---------|--------|---------|---------|--------|
| 1999 | 25540  | 26900    | 880     | 2390   | 2710    | 8990    | 8460   |
| 2001 | 31900  | 23550    | 4290    | 5000   | 1600    | 9100    | 8080   |
| 2005 | 53270  | 25410    | 6010    | 9600   | 8380    | 14260   | 12700  |
| 2009 | 100000 | 43702    | 17775   | 15000  | 14491   | 13016   | 10647  |

Fonte: López *et al.* (2013)

**Quadro 5** – Exportações entre 1999 e 2010 (t).

| Ano  | EUA    | Irão   | China * | Síria | Alemanha* | Turquia | Espanha** |
|------|--------|--------|---------|-------|-----------|---------|-----------|
| 1999 | 17550  | 96730  | 3910    | 4500  | 12410     | 860     | 520       |
| 2001 | 25240  | 112840 | 10150   | 6300  | 15210     | 5030    | 620       |
| 2005 | 48440  | 137460 | 13200   | 2300  | 15520     | 1010    | 780       |
| 2010 | 111000 | 110000 | 40000   | 22000 | 17000     | 3000    | 950       |

Fonte: López *et al.* (2013)

\*Exportações de pistácios transformados a partir de matéria-prima importada.

\*\* Sendo a produção reduzida, a maior parte destes produtos exportados foram obtidos a partir de matéria-prima importada.

Tendo em atenção as restrições que ao longo do período considerado foram introduzidas à importação de produtos do Irão, pela Europa e pelos Estados Unidos, houve certamente uma mudança de destino dos pistácios iranianos exportados, muito provavelmente passando a ser comercializados para a China e para a Índia.

Caso as importações de pistácios a partir do Irão venham a ser liberalizadas, é natural que a imagem apresentada na figura seguinte se venha a generalizar (Figura 1).



**Figura 1** – Embalagem de pistácios provenientes do Irão.

As exportações da Síria aumentaram nesse mesmo período cerca de 5 vezes (4500 t, em 1999 e 22000 t, em 2010), mas o volume de produto exportado é consideravelmente inferior ao que

é anualmente lançado no mercado internacional pelos Estados Unidos.

Salienta-se que a exportação de pistácios realizada pela China, Alemanha e Espanha é baseada em matérias-primas que são importadas, transformadas nesses países e posteriormente exportadas.

### **3. A cultura do pistácio em Portugal- algumas pistas para o futuro**

A cultura do pistácio em Portugal não tem qualquer tipo de expressão, tendo sido realizadas um pouco por todo o território nacional algumas tentativas de fomentar a sua plantação, mas cujas áreas e produção atingidas são pouco expressivas, não surgindo qualquer referência estatística a esta cultura.

As plantações existentes, distribuídas de Norte a Sul do país, revestiram-se de algum carácter experimental realizado com o objetivo de:

- verificar a adaptação da cultura às condições existentes;
- e
- tentar identificar alternativas às culturas tradicionalmente realizadas.

As plantações efetuadas não permitiram, contudo, demonstrar cabalmente o interesse da cultura, tornando-se necessário proceder à instalação de ensaios, conduzidos por entidades

credíveis, para conseguir identificar as condições em que a cultura se desenvolve melhor e as tecnologias que devem ser utilizadas para assegurar o seu sucesso.

### **3.1. Produção**

A produção de pistácios em Portugal é atualmente insignificante verificando-se o abastecimento do mercado interno exclusivamente a partir de produto importado.

Segundo o Gabinete de Planeamento de Políticas Agrícolas (GPPA) citado por Martinho (2015), em 2012, Portugal importou 370,4 t de pistácios no valor de 2,068 milhões de euros e exportou 5,3 t no valor de 0,055 milhões de euros. Considerando a reduzidíssima produção nacional, a pequena quantidade exportada é certamente derivada de parte da importação que todos os anos se verifica.

### **3.2. Principais regiões produtoras**

Não existem regiões que possam ser consideradas como zonas produtoras pois a cultura tem reduzida expressão.

A considerar-se a possibilidade de introduzir a cultura, as principais zonas de produção poderão vir a ser, certamente, aquelas em que se verificarem melhores condições edafoclimáticas para a cultura.

Para identificar essas zonas é necessário:

- recolher a informação relativa às questões que mais condicionam essa atividade;

- identificar as grandes áreas onde se reúnem as condições mais favoráveis ao desenvolvimento da cultura; e

- nessas áreas estabelecer os ensaios que permitam identificar:

- as cultivares mais adaptadas às condições edafoclimáticas existentes;

- as cultivares com melhor valor comercial; e

- os modos de produção e as tecnologias mais aconselhadas.

Este é um trabalho profundo e que carece de ser realizado com a maior urgência para se esclarecerem as dúvidas que se levantam em torno da cultura.

### **3.3. A organização da produção, circuitos de comercialização, mercados**

Na atualidade não existe qualquer tipo de organização dos produtores deste fruto seco, dadas as áreas que se encontram instaladas, de Norte a Sul do país serem muito reduzidas e muitas delas ainda não estarem em produção comercial. Vão-se conhecendo algumas explorações onde, nos últimos tempos, têm sido realizadas algumas plantações de pistácios, supõe-se que efetuadas com base em apoios provenientes do PRODER ou do

PDR 2020 mas não se conhecem ainda os seus resultados dada a sua recente implantação.

A necessidade de assegurar a secagem, descasque e transformação dos frutos desta cultura muito rapidamente após a sua colheita, vai obrigar a que, caso ocorram aumentos das áreas cultivadas, se invista na criação das estruturas que assegurem essa transformação. Considerando o reduzido período de tempo que deve separar a colheita da pelagem, as unidades industriais para realizarem este processo terão de se localizar na proximidade das áreas de produção, de forma a reduzir os encargos com transportes e a probabilidade de ocorrerem possíveis contaminações com aflatoxinas.

A generalidade dos equipamentos necessários para realizar a preparação dos frutos para o mercado obriga à existência de áreas de cultura com alguma dimensão, pelo que o desenvolvimento das áreas cultivadas tem de ser acompanhado do desenvolvimento das estruturas industriais dedicadas à pelagem, secagem e transformação.

No que se refere ao mercado, as importações que, anualmente, Portugal efetua deste tipo de produtos atestam a procura existente. Destacam-se os valores já apresentados com base na informação disponibilizada pelo GPPA e citada por Martinho (2015), que referem que, em 2012, Portugal importou 370,4 t de pistácios no valor de 2,068 milhões de euros. Estes números dão uma ideia da apetência do mercado nacional para o consumo

destes produtos, e da possível área de expansão da cultura para garantir o abastecimento do mercado interno.

### **3.4. Novos mercados**

Falar de novos mercados para o pistácio em Portugal não fará muito sentido pois todos os mercados são novos. O pistácio é uma cultura sobre a qual foi realizada alguma experimentação, iniciada há cerca de 20 anos, por técnicos da então Estação Agronómica Nacional e por diversos agricultores, em vários locais do país, mas que nunca chegou a obter a atenção por parte dos agricultores para ser considerada como uma realidade.

A divulgação da cultura veio, nos últimos anos, a beneficiar dos trabalhos realizados por algumas empresas espanholas que abordaram vários produtores da Beira Interior e do Alentejo para efetuarem a sua plantação. As unidades produtivas que foram instaladas têm, normalmente, reduzida dimensão, talvez pelo preço elevado a que eram transacionadas as plantas e pela informação pouco precisa disponível sobre a cultura.

Mais recentemente, do trabalho desenvolvido em nome da Fruystach, Lda, pela empresa Espaço Visual, que apoia o desenvolvimento de projetos nesta área, resultaram novos avanços da cultura, que ainda não são perceptíveis e que levarão alguns anos até se traduzirem em aumentos da quantidade de pistácio produzida em Portugal.

De acordo com os responsáveis da Fruystach, Lda “há poucas explorações de pistácio em Portugal e a maioria é constituída por plantações recentes que ainda não entraram em produção e muito menos chegaram à plena produção”. De acordo com esse mesmo responsável, o interesse espanhol sobre esta cultura despontou há cerca de 20 anos, idade dos pomares mais antigos, e nos últimos 15 anos a área passou de 1.000 para 5.000 hectares (Barbosa, 2016). Salienta-se que estes valores estão em sintonia com os valores atrás apresentados sobre as áreas dedicadas a esta cultura em diversos países, nomeadamente, em Espanha.

De acordo com os responsáveis desta empresa “a localização ideal para esta cultura são terrenos da região interior de Portugal, com invernos muito frios, verões muito quentes, humidade relativa do ar igual ou inferior a 50%, baixas precipitações nos meses de abril, maio e setembro, sem problemas de geadas primaveris muito tardias, terrenos de regadio e solos bem drenados, com pH entre 5,5 e 7,5”. De acordo com estes critérios, o responsável da empresa conclui que, olhando para um mapa, se percebe a vastidão das áreas com potencial, referindo ainda que: “As melhores regiões, do ponto de vista macro, estão nos distritos de Bragança, Vila Real, Guarda, Castelo Branco, Portalegre, Évora e Beja” (Barbosa, 2016).

Face ao conhecimento das condições climáticas verificadas em Portugal, considera-se que, para se poder concluir sobre a

possibilidade de promover a cultura do pistácio entre nós, se deve proceder a um estudo muito aprofundado das condições climáticas verificadas em todo o interior do país, já que no litoral, onde ocorrem temperaturas mais amenas de verão e de inverno, as condições serão totalmente desadequadas para a cultura devido sobretudo à elevada humidade relativa e reduzido número de horas de frio.

No que se refere ao Alentejo, particularmente no Baixo Alentejo e no Alentejo Central, considera-se que, na maior parte do seu território, o número de horas de frio não conseguirá satisfazer as necessidades das principais cultivares desta cultura o que provocará:

- uma entrada em vegetação irregular; e

- níveis de produtividade abaixo dos normalmente esperados.

Nestas áreas, a solução para permitir a introdução desta cultura, poderá ser a utilização de cultivares que apresentem menores necessidades em frio invernal que, até ao momento, não foram ainda suficientemente desenvolvidas. Assim, as cultivares com menores necessidades de horas de frio são, normalmente, cultivares menos produtivas, que produzem um maior número de frutos vazios e apresentam uma menor percentagem de frutos abertos, o que reduz drasticamente o interesse da sua produção pois os seus frutos são comercializados a cotações muito mais reduzidas.

Assim será necessário continuar a estudar a cultura, instalando e acompanhando novas áreas experimentais e promovendo o aparecimento de novas cultivares que estejam adaptadas às condições climáticas verificadas e só então proceder à realização de investimentos nesta cultura.

#### 4. Referências Bibliográficas

Barbosa, J. (2016). Pistácio é uma oportunidade para o interior do país. *Vida Rural*. N° 1813. 30-31.

Klonsky, K. e Blank, S.C. (2005). Economic considerations in Pistachio Production in *Pistachio Manual 2005*. UC Davis. in <http://fruitsandnuts.ucdavis.edu> (consultado a 20 de setembro de 2016).

López, J. F. C.; Villaseñor, J. G.; López, M. C. G.; Elvira, A. M.; López, D. P. e Francisco, M. R. (2013). *El Cultivo del Pistacho*. 726 p. Madrid. Ed. Fundación Vicente Ferrer. Mundi Prensa.

Martinho, J. (2015). Novas Culturas- Pistacho Oportunidade de Futuro. *Voz do Campo*. N° 189. Dezembro. 12-13. Lisboa. in <http://www.vozdocampo.pt> (consultado a 26 de novembro de 2016).



Centro Nacional de Competências  
dos Frutos Secos

**A Associação CNCFS é uma pessoa jurídica de direito privado, sem fins lucrativos. Tem como objeto promover o desenvolvimento do setor dos frutos secos em Portugal, nomeadamente: a castanha, a amêndoa, a noz, a avelã, a alfarroba e o pistácio, pela via do reforço da investigação, da promoção da inovação e da transferência e divulgação do conhecimento.**